

Lula, Merkel e a fixação por líderes políticos

No Brasil ou na Alemanha: a fixação e a ansiedade por uma liderança política, que chegaria para resolver os problemas como um salvador da pátria, não é nada mais do que uma ilusão.



Lula em comício político em Curitiba, em setembro de 2017

Faltam poucos dias para o julgamento do Tribunal Regional Federal (TRF) em Porto Alegre do processo contra o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. E o debate em torno dele me faz refletir sobre uma questão: de onde vem a fixação sobre a figura do presidente? Será que a ansiedade por uma liderança política – seja presidente, primeiro-ministro ou chanceler – deve determinar tudo?

Curiosamente, na Alemanha existe a mesma concentração em volta da nossa chanceler Angela Merkel. Ela governa desde novembro de 2005. No parlamentarismo, essa repetição do mandato por 12 anos é possível, pois o chefe de governo é eleito pela maioria no Parlamento, e não pelo voto direto. Merkel e o partido dela, a União Demócrata Cristã (CDU), já governaram com apoio de vários partidos.

Leia também: [A favela como espelho da sociedade](#)

Desde as eleições, em setembro de 2017, aqui na Alemanha, toda a atenção gira em torno da questão se Angela Merkel vai continuar chanceler ou não. A primeira tentativa de formar um governo com os liberais e os verdes não deu certo. Agora ela [está negociando com os social-democratas](#), partido com quem governou nos últimos quatro anos. Parece contraditório, mas é democrático: na hora de formar um novo governo a aparentemente poderosa chanceler Angela Merkel depende dos deputados.



Astrid Prange escreve sobre Brasil e América Latina para a Deutsche Welle

O Congresso brasileiro parece ser igualmente poderoso. Já mostrou que pode derrubar presidentes e inviabilizar qualquer ação governamental. Desde o fim da ditadura militar, em 1985, e das primeiras eleições livres, em 1989, já afastou dois presidentes através do penoso procedimento de impeachment: Fernando Collor de Mello (1992) e Dilma Rousseff (2016).

Na sombra dos aparentemente todo-poderosos líderes políticos, os parlamentares na Alemanha e no Brasil parecem gozar de uma vida boa. Enquanto a mídia segue os passos dos possíveis chefes de governo, eles fazem ou não o trabalho deles sem serem cobrados da mesma maneira.

Na Alemanha, as eleições legislativas já foram. No Brasil, os eleitores ainda têm a chance de acompanhar e escolher os candidatos para o Congresso. Ainda dá para verificar se os candidatos têm ficha limpa ou não, se tem convicções políticas ou não.

O presidente do Brasil precisa do Congresso para governar. Sem uma maioria estável, nenhuma lei que o Executivo encaminhar vai ser aprovada. Sem deputados com ficha limpa, que estão mais preocupados em se reeleger para não perder o foro privilegiado do que em legislar projetos sociais, o Brasil não vai ter um projeto nacional.

Seja presidencialismo brasileiro ou parlamentarismo alemão: a fixação e o anseio por uma liderança política que chega para desfazer o nó e resolver os problemas políticos, como um salvador da pátria, não é nada mais do que uma ilusão.

Astrid Prange de Oliveira foi para o Rio de Janeiro solteira. De lá, escreveu por oito anos para o diário taz de Berlim e outros jornais e rádios. Voltou à Alemanha com uma família carioca e, por isso, considera o Rio sua segunda casa. Hoje ela escreve sobre o Brasil e a América Latina para a Deutsche Welle. Siga a jornalista no Twitter: @aposylt.

A Deutsche Welle é a emissora internacional da Alemanha e produz jornalismo independente em 30 idiomas. Siga-nos no [Facebook](#) | [Twitter](#) | [YouTube](#) | [WhatsApp](#) | [App](#)

LEIA MAIS

Caros brasileiros: A favela como espelho da sociedade

Como correspondente no Rio, a jornalista Astrid Prange conheceu a arte brasileira de viver. Seu primeiro mestre nessa matéria foi um morador da Rocinha – lugar que, segundo ele, é o melhor para se morar na cidade. (06.01.2018)

SPD vai negociar coalizão com CDU: e agora?

Com "sim" social-democrata a conversas com conservadores cristãos sobre uma eventual aliança de governo, o drama político em Berlim passa para uma etapa nova – mas que não será necessariamente mais fácil. (21.01.2018)

Data 22.01.2018

Autoria Astrid Prange

Assuntos relacionados [Brasil](#), [Eduardo Campos](#), [Arthur Zanetti](#), [Caipirinha](#), [Capoeira](#), [Sérgio Moro](#), [Samba](#), [Euclides da Cunha](#), [PEC 55](#), [Getúlio Vargas](#)

Palavras-chave [Brasil](#)

Compartilhar [Enviar](#) [Facebook](#) [Twitter](#) [google+](#) [Mais](#)

Feedback : [Envie seu comentário!](#)

Imprimir [Imprimir a página](#)

Link permanente <http://p.dw.com/p/2rHJw>
